

SUBJETIVIDADE E SUBSTÂNCIA NA HERMENÊUTICA GADAMERIANA

Weksley Pinheiro Gama (Doutorando em Filosofia - UFRJ)

RESUMO

Poucas questões suscitaram tanta polêmica na história da filosofia quanto a noção de sujeito. As diversas abordagens demonstram possibilidades de desdobrar estes temas desde múltiplas matizes. Nesse sentido, este artigo buscará trazer para essa discussão que se perpetua entre diversas correntes de pensamento, aspectos da perspectiva hermenêutica quanto a este tema, visando fornecer alguns elementos para pensar esta questão que não cessa de nos instigar e motivar ao exercício do pensamento. Para tanto partiremos do resgate da tradição efetivado por Gadamer para pensar aquilo que está sempre a base no exercício hermenêutico, o que nos levará à noção de substância, numa parcial adesão ao pensamento de Hegel.

Ao ter em vista o trato com qualquer questão filosófica desde a ótica gadameriana, aparece como uma atitude de suma importância considerar a relevância das ideias que precederam o que se põe em foco. Nesse sentido, ao buscar efetivar a relação com questões no âmbito da história da filosofia, é possível verificar a importância fundamental das contribuições da hermenêutica esboçada por Gadamer com vistas a fornecer mecanismos que amparem todo projetar-se à *tradição*, ao passado. As proposições de Gadamer se fazem desde uma amplitude que não se restringe à lida com perspectivas previamente elaboradas ou a alguma estrutura subjetiva estruturada e auto verificada, que subjaz e, por isso, determina a experiência junto ao que se tem diante. Com esse direcionamento, Gadamer abre possibilidades novas de conexão com as construções que antecedem aquele que visa se relacionar com questões relativas ao passado, bem como possibilita uma aproximação dialógica e não autoritária com as bases do que se busca compreender. Soma-se a isso a compreensão gadameriana de que é preciso deixar aberto o espaço para um constante redimensionamento quanto ao que se toma como **sujeito** do conhecimento e da ação compreensiva, pois este não deve ocupar um lugar hierarquizado junto à experiência vivida, nem tampouco pode assegurar-se quanto a si mesmo de modo imperscrutável, o que torna o sujeito da ação algo em movimento tal qual sempre está a própria dinâmica compreensiva. Isso faz da hermenêutica gadameriana uma via para o estabelecimento de uma relação produtiva e rica com o conteúdo da tradição filosófica bem como abre caminhos para que a experiência do humano frente à realidade circundante se desdobre num *jogo* de nuances sempre novas, pois o agente do processo compreensivo não se coloca como parâmetro inviolável para que, desde esta condição, possa estabelecer limites definitivos quanto ao que se busca compreender, visto que não visa se assegurar de modo inquestionável quanto a si mesmo e quanto ao que se tem diante.

Assim, a hermenêutica, tal como Gadamer elabora, ultrapassa o âmbito de interpretações específicas – bíblicas, jurídicas, históricas, etc. – por transitar em todos os campos da existência. Por isso, é possível dizer que, na perspectiva do autor de *Verdade e método*, a hermenêutica engloba toda experiência de mundo desde a qual o humano se funda compreensivamente enquanto humano. Com estas

indicações preliminares, vejamos como se estruturam alguns dos elementos fundamentais que Gadamer nos forneceu para que, a partir do trato com os mesmos, seja possível delinear os caminhos que darão sentido a este esforço de pensamento.

I - O RESGATE DA TRADIÇÃO

Gadamer lança mão do termo *tradição* em seu pensamento tendo em vista que esta é uma palavra de origem latina, *traditio*, derivada do verbo *tradere*, que significa conceder, doar alguma coisa. Tradição é aquilo que é cedido de geração em geração, diz respeito tanto ao sentido intelectual quanto ao prático. Assim, ao referir-se à tradição, Gadamer se refere ao legado transmitido através das gerações, no caso da filosofia, vemos nesse legado diversas elaborações filosóficas que se fizeram tanto em correspondência quanto em objeção às elaborações dos filósofos que fazem parte do movimento elaborativo da tradição, o que mostra que estavam ligados a mesma, embora isso tenha ocorrido e ainda ocorra, em certos casos, por negação. No resgate da tradição e da importância das elaborações que compõem a mesma, Gadamer não corrobora com qualquer visão que defenda – a exemplo do que Heidegger propôs – que a filosofia tenha se esgotado ou que seria necessário, para retomar o pensamento originário, se desvencilhar de todo elemento ligado a metafísica, pois, nesse viés, toma-se a perspectiva de que tais elementos foram fortemente inseridos no pensamento ocidental e, por estarem tão profunda e insuspeitamente introjetados no cerne deste pensamento, funcionam como barreiras silenciosas para a retomada do que Heidegger chamaria de pensamento que medita em oposição ao pensamento que calcula. Daí surge a demanda pelo afastamento dos elementos da tradição proposto pelo autor de *Ser e tempo*. Gadamer, assim como Heidegger, considera que os conceitos antigos mantêm sua vigência através dos tempos e perfazem nosso presente de modo intrínseco e muitas vezes imperceptível. Entretanto, para Gadamer, o abandono dos conceitos é desnecessário. A medida que estes não são tomados como tendo valor em si, mas podem ser revistos e redimensionados a medida que vigoram no horizonte da linguagem que não se esgota no signo linguístico. É evidente que Heidegger estava atento para este fato. No entanto, sua postura ao abandonar a tarefa

fenomenológica e hermenêutica da analítica existencial do *Dasein*, em *Ser e tempo*, e conceber o chamado pensamento da virada (*Kehre*), deixou claro que era necessário dar outros rumos a sua tarefa de pensamento que pudessem dar conta dos desafios que estabeleceu para si mesmo. Assim, se inicia aquilo que Benedito Nunes chamou de *Passagem para o poético*. A palavra pode ganhar significações distintas a cada vez a partir da própria demanda das novas experiências. Nesse sentido, surge a indicação clara de uma atualidade conceitual que se dá a medida que são feitas fusões entre os horizontes desde os quais emergiram os conceitos e do agente que se lança à relacionar-se com tal conceito desde a hermenêutica filosófica. A vigência conceitual não decorre de uma assunção de prerrogativas previamente dadas na cunhagem dos conceitos, mas do encontro entre o projetar-se inicial daquele que intenciona compreender e aquilo que emana do que é o objeto da ação compreensivo interpretativa.

A distinção entre compreender e interpretar ficará mais clara logo adiante, pois a medida que abordarmos a noção de substância poderemos ter em conta que a compreensão já se dá no âmbito de um horizonte de condições previamente dadas, o que limita de modo relevante a ação subjetiva e judicativa. Alguns filósofos corroboram com a visão de Gadamer quanto a vigência dos conceitos legados pela tradição, um exemplo disso pode ser encontrado em um comentário de Gunter Figal, que diz o seguinte: “de uma maneira muito melhor do que muitos conceitos modernos, os conceitos clássicos ainda nos suportam com solidez quando sabemos empregá-los de maneira livre e em relação à coisa mesma”. (FIGAL, 2007, p.14) Esta indicação nos fornece uma base para pensarmos estes conceitos de um modo mais plástico e, portanto, menos enrijecido. De modo que, na liberdade de uma ação dialógica diante dos mesmos e mantendo a relação com a experiência enquanto tal, não parece haver necessidade de nos abstermos da lida com os conceitos.

II – Gadamer e a perspectiva crítica ao pensamento racionalista e representacional.

Gadamer constrói seu pensamento na esteira de perspectivas críticas aos modelos racionalistas advindos dos desdobramentos do pensamento de Descartes,

onde surge um modelo de relação com o real no qual a experiência deixou de ser referida ao ser que as coisas são e passou a enquadrar tudo como um *ser-para-si*. E, não obstante, sob esse viés compreensivo, tudo que existe aparece enquanto extensão do pensamento daquele que pensa fazendo uso disso que é proclamado como a substância basilar do existir humano: o pensamento. Nesse sentido, apesar de Gadamer tecer críticas contundentes aos elementos lógicos e racionais que fundamentam as ciências da natureza, calcados na lógica metódica do que podemos chamar, com Heidegger, de pensamento que calcula', não devemos embarcar na falsa impressão de que Gadamer se coloca contra os elementos que compõem esta perspectiva de pensamento, o que não se sustenta diante de um olhar mais cuidadoso, pois não é difícil verificar que no desenvolvimento da hermenêutica filosófica não existe um esforço para negar a relevância dos mecanismos racionais que passaram a ser fortemente utilizados pelas ciências da natureza. Ao passo que existe, e isso é inegável, um esforço para demonstrar certos limites insuperáveis de todos os meios utilizados na atividade interpretativa diante do mundo. É aí que reside a crítica de Gadamer ao arroubo otimista diante dos métodos balizadores da ciência moderna que visam encerrar os modos de relação com as experiências a partir do uso de caminhos tomados como modelos. Assim, Gadamer discorda da utilização destes métodos nas ciências humanas em geral, por considerar que aquilo que está em jogo no âmbito destas últimas é o que devemos chamar de modos de *experiência*, e estes não podem ser satisfatoriamente *representados* pelos mecanismos metódicos das ciências da natureza. A ideia de que tudo pode ter uma representação racional clara e distinta, como já fora indicado logo acima, é ancorada no discurso metódico cartesiano que estabelece o cogito como referencial para todo projetar-se diante do mundo.

III - A EXPERIÊNCIA PARA ALÉM DA REPRESENTAÇÃO

Deixando de lado esta ficção representacional que malogra no intento de enquadrar os modos de experiência, Gadamer lança mão de uma proximidade quanto a alguns aspectos do pensamento hegeliano que serão indicados logo a seguir. Segundo Gunter Figal “a compreensão gadameriana da experiência é

claramente orientada por Hegel, sem que Gadamer venha a segui-lo até o fim”. (FIGAL, 2007, p. 14)

Nesse sentido, a experiência é vista por Hegel e Gadamer como um tipo de movimento dialético onde ocorre uma inversão da consciência. Nesta inversão aquilo que se mostra aparece como diverso do que inicialmente se mostrou. Desse modo, a experiência é um tipo de fenômeno no qual se perde os referenciais dos quais se dispunha para que seja possível a conquista de uma nova compreensão. “a verdade da experiência contém sempre a referência a novas experiências”. (GADAMER, 1997, p. 525)

A partir desse modo de experiência diante da realidade, aquilo que se conquista de compreensão não decorre de forças subjetivas que nós - enquanto indivíduos - suponhamos ter e utilizar metodicamente de situação em situação, mas advém de um modo instantâneo que nos é acessível desde que nos coloquemos a lidar com algo de um modo distinto da forma como lidávamos anteriormente. Assim, não fundaremos nossas relações em artifícios e premissas previamente elaborados ou em representações racionais do real. O fato de este modo de experienciar os fenômenos que nos circundam não estar amparado por mecanismos lógicos, ao modo das ciências naturais, não implica numa isenção quanto ao que possa ser considerado como experiência de *verdade*, como pretendeu afirmar o pensamento tipicamente iluminista. Pois, segundo Gadamer, a verdade não significa adequação direta ao que é *representado*, mas advém da experiência que se dá a cada vez de modo diverso. Está implicada com a experiência, vista ao modo como demonstramos acima, uma constante verificação das opiniões prévias que fundamentavam as compreensões quanto ao que é experienciado, o que abre a possibilidade de que aquilo que se possuía como opinião efetiva, inclui-se nisso todos os preconceitos não reconhecidos da razão crítica do iluminismo, seja constantemente corrigido diante da relação com aquilo que se têm diante dos olhos ou da percepção consciente. As conquistas compreensivas passam a ser vistas como mecanismos transitórios e não como promotoras de métodos desde os quais as experiências possam estar enquadradas e encerradas. Existe na hermenêutica

pensada por Gadamer uma noção clara de movimento, um estar lançado a vivenciar novas experiências a cada vez.

(...) com isso o conceito da experiência de que se trata agora adquire um momento qualitativamente novo. Não se refere somente à experiência no sentido do que esta ensina sobre tal ou qual coisa. Refere-se à experiência em seu todo. Esta é a experiência que cada um constantemente tem de adquirir e a que ninguém pode se poupar. A experiência é aqui algo que faz parte da essência histórica do homem. (GADAMER, 1997, p. 525)

Gadamer estabelece algumas objeções claras quanto ao pensamento de Hegel, apesar de se servir do mesmo para encaminhar suas noções. Entre as discordâncias gadamerianas, vemos que, do ponto de vista do hermeneuta, a experiência não ode “se consumir em um saber; a experiência só se consuma ‘naquela abertura para a experiência que é liberada pela própria experiência’”. (FIGAL, 2007, p. 17). Doravante, a experiência se converte em um movimento que não se efetiva conclusivamente, pois é caracterizada por estar irremissivelmente fadada a acontecer novamente de modo sempre diverso. A experiência só deixa de ser efetivada deste modo quando é alijada de sua característica fundamental por algum mecanismo que busca arbitrariamente fazer com que esta se dê metodologicamente voltada para fins previamente definidos, o que pode até auxiliar na construção de conhecimentos ‘seguros’, mas deixa de possibilitar a relação com o que - na perspectiva de Gadamer - é mais importante: a abertura que permite o acontecimento da experiência.

A partir do exposto acima, vemos as proposições hermenêuticas de Gadamer se configurarem como uma dinâmica a partir da qual se desvela uma *consciência histórica* que se faz como *efeito* das próprias experiências ocorridas ao longo da história, na configuração da história dos efeitos que se desdobram e compõem o cabedal de fontes que dão sentido a experiência histórica e compreensiva da humanidade.

A noção de sujeito é problematizada de modo indireto pela hermenêutica gadameriana, embora seja um pano de fundo fundamental para todo o desdobrar do pensamento de Gadamer. A problematização levada a cabo por Heidegger quanto a hermenêutica da facticidade é tomada por Gadamer como uma virada quanto à perspectiva husserliana que se refere a uma universalidade tipificada pelo *cógitio*. Desse ponto de partida, Gadamer desdobra sua hermenêutica filosófica que, segundo Gunter Figal, deve ser pensada da seguinte forma:

“Com ela, tem-se em vista um ponto médio entre a experiência da tradição e o pensamento estabelecido sobre si mesmo: a possibilidade de uma experiência consciente que se articula conceitualmente e que é ao mesmo tempo a possibilidade de uma determinação essencial dessa experiência”. (FIGAL, 2007, p. 19)

É possível verificar novamente um ponto de ligação entre Gadamer e Hegel, este diz respeito à constatação de que existe um elemento histórico previamente dado que fundamenta toda compreensão estabelecida quanto ao que se tem diante dos olhos e quanto a si mesmo. Toda interpretação se faz possível a medida que já compreendemos, mesmo que irrefletidamente, o horizonte desde o qual interpretamos e tudo que compõe o mesmo. Esse elemento histórico aparece no pensamento de Gadamer, segundo Gunter Figal, de modo semelhante ao que Hegel caracteriza como *substância*. Esta palavra possui uma grande carga significativa e de algum modo esboça um aceno para a lida com a questão da substância pensante que Descartes nos trouxe. Entretanto, Gadamer não está se referindo a este termo hegeliano tendo em vista a perspectiva cartesiana. Considerando que Gadamer se coloca como próximo das perspectivas de Husserl e Heidegger, seria mais cabível verificar alguma proximidade entre esta substância e a estrutura do *Dasein* exposta por Heidegger em *Ser e tempo*; bem como o quanto se aproxima da noção husserliana de *mundo da vida*. Esta problemática não será desdobrada aqui, servindo apenas como indicativo aos interessados. Essa substância é um “(...) elemento que suporta, prelineia e delimita toda opinião e todo comportamento subjetivos, e, com isso, toda possibilidade de compreender uma tradição em sua alteridade histórica” (FIGAL, 2007, p. 25). Os pré-juízos *Vorurteil*, elemento

fundamental da hermenêutica gadameriana, são parte constitutiva da substância desde a qual todo compreender é possível. Essa substância direciona todo e qualquer agente histórico por ser a base a partir da qual este pôde emergir. Essa substância se liga fortemente ao que Gadamer caracteriza como *horizonte*, que, segundo Gadamer, fundamenta inclusive o método característico das ciências da natureza, pois a lógica científica corresponde a um contexto histórico específico e previamente estabelecido, ou na linguagem gadameriana, a um *horizonte* previamente dado.

Todo presente finito tem seus limites. Nós determinamos o conceito da situação justamente pelo fato de que representa uma posição que limita as possibilidades de ver. Ao conceito da situação pertence essencialmente, então o conceito do *horizonte*. Horizonte é o âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que é visível a partir de um determinado ponto. (GADAMER, 1997, p. 452)

IV – O delineamento do olhar na perspectiva situacional

Seguindo o que Gadamer nos indica, toda forma de visão já se faz desde os limites estabelecidos pela situação que caracteriza o que este filósofo chama de horizonte, que diz respeito aos fundamentos desde os quais se observa o mundo. Assim, o horizonte diz respeito a um tipo de visão que se dá enviesada por uma perspectiva que subjaz a qualquer visão particular que o indivíduo possa ter. Tudo que se diz encontra-se enraizado num solo que tonifica tudo o que é visto desde uma perspectiva de sentido que se dá de um modo tal que faz com que toda visão particular já esteja se fazendo desde os limites do horizonte que possibilitou o surgimento desta visão. Para Gadamer é necessário que todo indivíduo que busca lidar compreensivamente com o que se encontra fora de seu próprio horizonte perceba e assuma seu próprio pertencimento a um horizonte, pois “(...) ter horizontes significa não estar limitado ao que há de mais próximo, mas poder ver para além disso” (GADAMER, 1997, p. 452). É apenas a partir da reabilitação dos pré-juízos que se torna possível um profícuo diálogo entre perspectivas decorrentes de horizontes fundamentalmente distintos. Tendo em vista que Gadamer não crê que os

horizontes se estabeleçam como instâncias intransponíveis e, portanto fechadas, – para este filósofo crer em um horizonte fechado é uma abstração – podemos concluir que o diálogo entre os mesmos se faz como parte constitutiva da experiência compreensiva que a hermenêutica gadameriana propõe. Assim, é possível concluir também que, nesse sentido, “a mobilidade histórica da existência humana aplica-se precisamente em que não há uma vinculação absoluta a uma determinada posição, e nesse sentido tampouco existe um horizonte fechado” (GADAMER, 1997, p. 454-455).

Não é difícil notar a força da perspectiva científica no horizonte atual, a partir de seus mecanismos fundados nos ditames do pensamento iluminista, acaba por conceber um desenraizamento no qual tudo que é visto só conquista um estatuto de verdade tendo como base as luzes esclarecedoras da razão de modo atemporal, a histórico e desvinculado de qualquer contexto.

O iluminismo é anti-historicista, ou seja, pretende mediante o caráter universal e esclarecedor da razão humana, alicerçada esta nos êxitos das ciências naturais (êxitos obtidos naquela época), transformar todas as esferas da vida, pondo de lado, assim, a História, o passado. Seu intento prático, de acordo com seu nome, é (como já ressaltamos) o de ‘iluminar’, através das ‘luzes da razão’ e com apoio na experiência, o obscurantismo em que se encontrava (segundo acreditavam seus prosélitos) a civilização.” (BASTOS, 1987, p. 141).

Esta corrente de pensamento se estabelece num horizonte desde o qual toda a angústia humana diante do imponderável que caracteriza a vida é pretensamente superada, pois as inseguranças encontram um solo firme nos métodos racionais que se estabelecem a partir de então. Com isto há um movimento de deixar de lado qualquer modelo compreensivo ou asserção quanto à realidade que não seja fundada nos mecanismos racionais que se fazem como iluminadores e de validade inquestionável por representarem ideias claras e distintas, o que é diferente do que Gadamer propõe a partir da experiência hermenêutica.

V – Considerações finais

Com efeito, a hermenêutica gadameriana se insere no contexto de pensamentos que não são equacionados e limitados por noções tomadas previamente como definitivas, e isso se aplica até a nossa corrente auto compreensão, pois não estamos limitados por uma noção prévia e definitiva quanto a nós, podemos abrir caminhos para constantes modificações na compreensão quanto a nós mesmos a partir do que somos reiteradamente convidados a fazer: apresentarmo-nos e não representarmo-nos.

No afã de estabelecer conceitos seguros quanto ao mundo e quanto a nós mesmos, a mediação racional e iluminista se fez fundamentalmente desde o cerceamento da viabilidade do estabelecimento de vias “não racionais” para a interpretação do mundo, como se o modo interpretativo racional e metódico fosse o próprio conhecimento. Ao confundir interpretação (perspectiva) com conhecimento, e ao trocar a captação da apresentação dos fenômenos pela representação racional dos mesmos, todo o fluxo compreensivo deixa de ser uma experiência constitutiva de homem e de mundo e passa a ser uma monótona reprodução de métodos e conceitos que visam – ao modo do leito de Procusto – enquadrar e limitar, definir e encerrar, os caminhos para o possível que se dá a cada vez de modos nem sempre abarcáveis pelos métodos.

A poética representa uma constante provocação para os caminhos da representação racional, pois quanto mais nos aplicamos em definir o poema que se tem diante, mais somos novamente provocados a assumir nossos limites, que apesar de serem incontornáveis por poderem ser transpostos constantemente, não cessam de aparecer para nos lembrar que somos finitos, e quanto mais experienciarmos a existência compreensiva no mundo, mais estaremos aptos a viver novas experiências, pois saberemos que estas se dão a cada vez de um modo nem sempre quantificável ou qualificável, apesar de podermos julgar ou dar razões, como dizia Kant, estes julgamentos e razões podem ser sempre outros. O que não

podemos indicar como sendo um retrocesso ao irracional, mas como uma aceitação que da nossa maior dádiva e de onde surge nosso maior temor, decorrente daquilo que nos escapa a cada vez, mas que, com isso, pode nos mobilizar e nos voltar para o enquadramento, ou nos convidar a repensar o mundo e a nós mesmos. Quando nos referimos a nós como sujeitos, devemos saber que esta é uma asserção sempre tardia, só falamos quanto a nós mesmos através do retrovisor da nossa consciência histórica, pois somos sempre outros quanto ao que fomos, e não podemos compor uma visão definitiva quanto ao que estamos sendo, nosso espelho consciente não são eficientes a ponto de evidenciar claramente algo desde o reflexo ou desde a representação do que se tem diante. Sempre projetamos mais do que uma mera representação, como vimos, nossa visão não se dá de um modo livre de uma antevisão, de um horizonte, de uma substância prévia, nem mesmo de um pathos, de um Stimmung, mas sim limitada por essas dinâmicas.

É preciso ter atenção e cuidado para não lançarmos nossas visadas para nós mesmos e para o mundo de um modo previamente codificado pela perspectiva representacional do ser para si, pois com o cuidado de retomarmos sempre nossos pré-juízos, poderemos lançar um olhar renovado a cada vez, assim as coisas serão vistas como que pela primeira vez, tal qual acontece na poesia, na música ou nas artes plásticas, onde – como nos indica Heidegger - a palavra, a cor ou a melodia, atingem sua vigência originária, abrindo caminhos e modos de olhar, ouvir e perceber, e não apenas representando vivências que se repetem de modo circular. Por sim, é importante assumir que este escrito se faz como efeito e a partir de efeitos de afluxos de pensamento que impulsionaram as diversas perspectivas filosóficas que compõem a tradição, deixando de lado qualquer pretensa definição arbitrária e limitadora quanto ao que é o sujeito e quanto ao que é o mundo que nos circunda e surpreende, desde que desobstruamos nosso olhar a cada vez poluído com pretensões absolutas de interpretação que são tomadas como compreensão.

Sobre o autor

Weksley Pinheiro Gama é doutorando em filosofia pela UFRJ, mestre em filosofia pela UFES e licenciado em filosofia pela UFES. Atua como professor de filosofia nos níveis médio e superior.

Referências Bibliográficas

GADAMER, H. **Verdade e método**; tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997, 2ª edição.

FIGAL, G. **Oposicionalidade**: o elemento hermenêutico e a filosofia. Tradução de Marco Antônio Casanova. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007,

BASTOS, F. **Panorama das ideias Estéticas no Ocidente. De Platão a Kant**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987. p. 141.